

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

1.<sup>a</sup> SERIE

NUMERO 20

LISBOA, 21 DE ABRIL DE 1881

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

## EXPEDIENTE

Damos hoje aos nossos estimaveis leitores e assignantes um numero extraordinario destinado a inserir o artigo Bellas Artes que pela sua extensão, e não desejando nós espaçar a publicação dos originaes que ha muito temos em nosso poder, demandava um numero especial.

## BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO-BASAR DO CENTRO ARTISTICO-PORTUENSE

Talvez o leitor não se lembre, ou mesmo ignore, que existe nesta cidade uma sociedade de corajosos mancebos intitulada Centro Artístico, agremiação que foi fundada com intenções verdadeiramente civilisadoras e que segundo o seu programma tem por fim inocular por todos os meios possiveis, até à medula dos ossos, nos cidadãos portuenses, o gosto pelas bellas-artes, gosto de que são completamente destituídos, segundo a arriscada opinião dos illustrissimos membros do referido Centro.

Approvaríamos de bom grado o fim que se propõe, e concordamos que para se chegar à perfectibilidade social, é absolutamente necessario a cultura das artes plasticas, se os meios persuasivos que tem procurado para realizar tão linda idéa, não fossem d'uma grosseria bysantina.

Nós, fazendo parte d'esse publico tão ligeira e injustamente acimado de indifferentismo e de mau gosto, aproveitamos esta occasião para protestarmos contra essa accusação indelicada e pouco propria de cultores da divina arte de Raphael.

A sociedade do Palacio do Crystal, cedendo-lhes gratuitamente o seu salão de Bellas-Artes, para ali exporem os trabalhos da sua lavra artistica, prova muito contra o pretendido indifferentismo, e que os portuenses não são tão desprovidos do sentimento do bello quando se trata de manifestações artisticas.

Lembra-nos ainda um beneficio dado em um dos theatros d'esta cidade em favor do cofre do Centro, beneficio que foi sufficientemente concorrido pelo publico, para acudir de prompto às suas necessidades. A benevolencia com que os portuenses recebem a actual exposição, parece-nos tambem que é uma prova exuberante do bom gosto e bom senso.

Não se queixe pois o Centro Artístico da falta de illustração e boa vontade do publico; seja menos injusto, e, se os seus desejos não tem sido integralmente realizados, crimine-se a si proprio.

Feitas estas reflexões previas, passemos a fazer uma apreciação imparcial do valor artistico e civilizador da exposição.

Nós, ainda que barbaro em materia d'artes, tambem fomos dos que correram pressurosos, como qualquer membro do Centro, em procura de sensações novas, á tão celebrada exposição-basar, e o que sentimos diante d'essa diminutissima fileira de tellas, mais ou menos cobertas de côres a oleo, de photographias e lithographias ja muito conhecidas, d'algumas gravuras e malas de viagem, foi extremamente desagradavel ao nosso espirito, e com franqueza confessamos que a exposição não corresponde aos elevados intuitos do Centro. Sem o concurso amavel d'algumas pessoas, estranhas ao Centro, o seu resultado seria completamente negativo: é para admirar que apropriando-se o Centro d'uma idéa tão bella, não tenha podido obter resultados mais satisfactorios e em harmonia com o seu programma feiçoso, e dá-nos o direito de julgar d'um modo menos lisonjeiro os conhecimentos e trato sociavel dos seus membros. A idéa

de organizar uma sociedade d'artistas de merecimento, com o fim de introduzir na massa geral da população um gosto mais pronunciado pelas bellas-artes, é magnifica, é digna de todos os encomios; mas já não é nova entre nós. Impressiona tristemente o visitante a grave lacuna de certos nomes, conhecidos no mundo artistico, e faz-nos acreditar que o Centro, quando se organizou em sociedade militante, por um descuido condemnavel ou pretenciosamente, afastou do seu seio, ainda inexperiente, as pessoas que pela sua competencia, ou ainda que estranhas ás lides artisticas, pela sua posição social podiam protegelo e auxiliá-lo eficazmente.

Com o mesmo fim, existem desde longa data em paizes mais adiantados que o nosso sociedades identicas, que tem obtido optimos resultados, e continuarão a obtel-os pela simples razão de que, desde o principio souberam angariar os homens de talento e as pessoas opulentas. O egoismo mesquinho que presidiu á organisação do Centro Artístico, ou a falta lamentavel de conhecimentos apropriados ao assumpto, hão de causar fatalmente a sua ruina. Principiou com pretensões demasiado revolucionarias, e nós não somos partidarios d'este nihilismo de nova especie.

Conhecedores do pomposo programma e attrahidos irresistivelmente pelas maravilhas promettidas, dirigimos os nossos passos em direcção á exposição, dispostos a consumir as tres ou quatro horas indispensaveis a uma excursão artistica de tal ordem. O pensamento mais feliz que teve o Centro Artístico, organisando o seu certamen, foi o de estabelecer a entrada gratuita. Sem esta generosa lembrança, talvez tivesse o desgosto de soffrer reclamações d'algum caturra portuense, d'esses que o Centro pretende civilisar agradavelmente, exhibindo-lhes os thesouros do seu labor.

Sem a entrada gratis teríamos hoje a registrar dous desgostos: o Centro poupou-nos um, pelo que do coração nos confessamos muito agradecidos. Era demasiado se ainda tivessemos de pagar a decepção; bastam as angustias que nos dilaceram a alma para pagar com bastante usura a nossa curiosidade.

Logo á entrada do salão, offerece o Centro Artístico á nossa admiração doze malas e outros artigos de viagem, a saber:

- N.º 9 — Mala de sola e *madeira lavrada*.
- » 10 a 13 — Quatro malas de zinco lavrado.
- » 1 — Um quadro com amostras dos *mesmos artefactos*.
- » 14 e 15 — Duas malas de sola, systema americano.
- » 16 — Uma dita metalica, systema russo.
- » 17 — Uma dita pintada com lavor, innovação do expositor. (Os nossos parabens.)
- » 18 — Uma dita de couro preto, ferragem lavrada.

Estes artigos estão classificados na secção mobiliaria do catalogo. Não concordamos; achariamos mais racional que os classificassem á parte, mas com certa originalidade, por exemplo: Mobiliario ambulante, especimens d'alta novidade *artistica*.

O Centro acaba de nos dar uma solemne lição, abrindo caridosamente os olhos á nossa vastissima ignorancia. Na realidade ficamos surprehendido de encontrar uma collecção de malas onde esperavamos contemplar um quadro ou qualquer outro objecto d'arte! E nós que tinhamos a ingenuidade de julgar que uma estatuetta representando uma idéa qualquer, por exemplo — *A civilidade na infancia* —, ainda que fosse um simples *navet*, seria infinitamente mais agradavel á vista e ao espirito do visitante!

Agora a nossa consciencia acha-se mais tranquilla: o Centro houve por bem decretar em favor da mala; elle lá tem as suas razões que justifiquem a preferencia. Assim leccionado estheticamente, podemos entrar no sanctuario com mais franqueza e mais orientado.

A decepção vae augmentando á medida que nos internamos no artistico recinto; decididamente estamos em maré de desapontamentos e convencemo-nos d'isso ao ver arrumados no chão oito misaes d'estante, em pergaminho illuminado, dous dos quaes datados de 1548 e offerecidos a um convento por ordem do Senhor Rei D. João III, que Deus haja em sua santa guarda; seja-nos permitido observar que isto, além de ser uma irreverencia manifesta por essas antigas obras d'arte fradesca, obriga o visitante, se os quizer examinar, a collocar-se em uma posição incommoda e bastante equivo-ca. Passemos a examinar a parte pictorica da exposição e converse-mos amigavelmente com os seus setenta e nove representantes.

Principiemos pelo sr. Luiz Katzenstein, artista allemão. Na qualidade de estrangeiro merece-nos a prioridade este pintor.

O sr. Katzenstein apresenta-nos os *Ultimos momentos d'un baile de mascarar*. Examinando este quadro, depois de conhecer o titulo que o artista lhe deu, é preciso um esforço demasiado violento para acharmos que o interior do Café-restaurant que o pintor se entreteve a copiar possa tambem ter a lucrativa vantagem de se transformar em recinto proprio a um divertimento carnavalesco. Aquelle maldito bilhar ha de causar serios embaraços á expansão buliçosa das walsas de Strauss e de Foerbach! Na Allemanha, apesar do seu positivismo, as idéas tomam ás vezes formas tão vaporo-sas que ao nosso fogoso temperamento meridional parecem illusões. Ha dous personagens no grupo principal, que podem ter a fantasia de querer protestar contra a nossa maneira de ver e proficiencia na materia. Um d'elles é um Pierrot, sem duvida emigrado; quiz talvez matar saudades do seu querido Mabile; mas ha de pagar por bom preço a brincadeira, segundo se deduz da sua expressão demasiado afflicta. O outro, uma especie de Figaro de aluguer, está verificando, parcella por parcella, a exorbitancia da conta. Aproveitemos a occasião para lançar um volver d'olhos ao resto da scena.

Digamos com franqueza que, se encontramos no trabalho do sr. Katzenstein algumas partes, e sobretudo as roupagens tratadas habilmente e até com talento, não é com certeza pela sua originalidade que poderá brilhar em centros mais artisticos do que o nosso.

O assumpto escolhido é soffrivelmente insignificante de per si, e sentimos que o auctor não o tivesse realçado, executando-o de uma maneira mais viva e espirituosa. O *ensemble* da composição é bom, e se o artista tivesse procurado um colorido mais verdadeiro e um toque menos *lambido*, perdoariamos do melhor grado a falta de certo rigor no desenho das figuras. A expressão das physionomias da maior parte dos seus personagens não é característica nem sufficientemente acentuada. Requisitos estes indispensaveis, *sine qua non*, a este genero de pintura.

O sr. Katzenstein tem o talento e os materiaes necessarios para se tornar menos vulgar e estamos persuadido que ha de ter produzido e ainda produzirá obras de mais subido quilate e superiores ao quadro que acaba de expor.

O mesmo senhor parece-nos discipulo de L. Knaus, ou pelo menos imitador d'este espirituoso artista, sahido da academia de Dusseldorf.

Apesar dos defeitos que notamos no seu quadro, ainda assim é um dos que mais honra fazem a este certamen e dos poucos que realmente merecem as honras d'uma analyse critica.

*Icaro e Dedalo* é um quadro do sr. Cruz, feito para exame de quinto anno, na academia portuense de Bellas-Artes. Dedalo foi o Edison da antiguidade, segundo a fabula, e Socrates, que em principio da sua vida foi escultor, pretendia ser seu descendente.

O assumpto é serio, e deve ser cuidadosamente tratado. Não achamos isso no trabalho do sr. Cruz. As figuras são d'uma monotonia de côr, muito desagradavel. Este estouvado Icaro ha de ser precipitado forçosamente em um mar de manteiga, o que lhe estimamos para minorar a sua desgraçada sorte, se for guloso.

O fundo do quadro é demasiado convencional e falta-lhe o caracter proprio do assumpto. O labyrintho do rei de Creta devia de ser muito differente do que o novel artista imaginou.

O sr. Cruz deve, quando tratar de assumptos d'esta ordem, castigar mais o seu estylo e fugir da forma banal e feia; deve tambem procurar por meio de uma escolha rigorosa que os seus modelos caracterisem o melhor possivel os personagens que pretende representar.

Esta composição, meramente academica, não é de todo desagradavel e ficamos na persuasão de que o seu auctor ha de fazer progressos e tornar-se um pintor de merecimento.

Retrato do sr. Marques Guimarães pelo sr. C. da Rocha. Está parecido com o original e ha certa ingenuidade muito apreciavel na execução da cabeça; qualidades pelas quaes mais se recommenda este trabalho.

O sr. Marques Guimarães expõe uma paisagem de — *Quebrantões* — e uma saborosa — *Victima do S. Martinho* — aliás bellissimo exemplar da especie. Estamos persuadidos que esta victima, ha de causar deliciosas sensações aos numerosos amadores da alimentação suina.

Não entramos na apreciação artistica d'esta telasinha, porque o assumpto é gordoroso e podiamos insensivelmente escorregar... o que seria pena.

O *Vendedor de Jornaes* do sr. Queiroz não nos parece trazer serias intenções — é muito capaz de nos apregoar alguma peta! — Não gostamos d'este realismo em pintura. O aspecto d'esses pobres seres, semi-vagabundos, ligados intimamente por vocação ou por acaso a emprezas menos licitas, foi e ha de ser sempre um espectáculo desagradavel, que a sociedade nos offerece gratuitamente.

O sr. Queiroz expõe tambem o retrato do sr. Novaes Ribeiro Junior, que não se nos afigura estar muito mal pintado, ainda que parece á primeira vista uma pintura feita em porcellana. Ha falta de vigor — pouco empaste e sobretudo muita falta de pratica.

Esta exposição offerece ao visitante a singular vantagem de conhecer as obras dos artistas que a honraram e ao mesmo tempo satisfaz a sua natural curiosidade, relacionando-o, *sur le champ*, com as imagens dos seus respectivos auctores. Isto faz lembrar a famosa collecção de retratos da galeria Pitti em Florença. O observador, o investigador audaz, pode á sua vontade fazer as suas comparações, aproximações, fazer enfim um verdadeiro estudo de phrenologia. E d'uma sublimidade scientifica, esta coincidência!

O sr. Novaes Ribeiro Junior, expõe — *Uma cabeça de estudo* — e uma copia do quadro do sr. Oliveira — *Procris e Cephalo* —. O bisavô de Ulysses e sua querida esposa soffreram uma novissima alteração n'esta copia. O sr. Oliveira está no seu direito chamando á ordem o copista.

O retrato do sr. Nogueira, feito pelo sr. A. Nunes, deve estar parecido, se por acaso a perfeição photogenea do seu orgão visual não alterasse muito os traços caracteristicos da physionomia do seu modelo. Por este unico trabalho não podemos julgar o discipulo do talentoso professor, o sr. João Antonio Corrêa.

Antonio Carvalho da S. Porto, ex-pensionario no estrangeiro e discipulo de mr. Groiseilliez.

O sr. Porto é um artista de talento e occupa seriamente o lugar de primeiro paisagista d'este paiz. Merece incontestavelmente a primazia, já pela sua natural tendencia para a cultura do bello e já pelos seus perseverantes estudos, feitos tanto, durante a sua feliz aprendizagem no estrangeiro, como em Portugal.

Vemos gostosamente os seus trabalhos e alguns d'elles merecem particular attenção.

A *Praia do Alfeite* — recommenda-se pelo seu colorido justo e bello empaste.

É uma pintura feita com toda a solidez.

Não nos inclinamos tanto para o — *Caminho na matta do Bus-saco* — este estudo faz-nos recordar com saudades o bello *savoir faire* das paisagens de Daubigny, Harpignies e outros especialistas de talento n'este genero.

O *Pinhal proximo a Collares* e os *Barcos de pescadores* — vieram muito a proposito para desfazer a nossa recente impressão desagradavel. São dois estudos muito bem interpretados. O caminho da Fonte dos Amores em Cintra tambem não nos parece ruim. — Se o poetico defensor da independencia hellenica tivesse conhecimento ou passasse casualmente por esse caminho, sentar-se-hia no mesmo lugar onde está sentada essa dama, lendo, — talvez a *Nana* de Zola, — e não vituperaria em tão bons versos a Cintra dos nossos encantos.

A *Porte de Setubal* e o *Bairro de Pescadores* — não nos parecem estudos da tempera dos outros que expõe. Em todo o caso não são detestaveis e mostram que o sr. Porto escolheu um dos melhores caminhos para continuar na sua brilhante carreira.

O seu discipulo, sr. Ramalho Junior, segue-lhe as pisadas com aproveitamento e vê-se que estuda com certo gosto.

O Pateo da Academia de Bellas-Artes é um estudo finamente copiado do natural. A Rua em Almada é a melhor tela que nos apresenta, não desprezamos nada n'este estudo. Temos ainda do mesmo senhor uma Margem do Tejo em Corroios, pequeno mosaico a oleo. O sr. Ramalho deve evitar para o futuro esta demasiada fluencia de pincel.

Uma das qualidades principaes do bello é a sua simplicidade. A Praia dos Ingleses na Foz, não interessa, apoz um exame aos outros estudos d'este pintor. A Margem do Tejo no Alfeite, a Ribeira de Santarem depois das Inundações, resentem-se do mesmo defeito acima mencionado de abuso de côres. Desengane-se e convença-se que é muito mais facil *frapper fort que frapper juste*.

O sr. Vaz, de Setubal, tambem discipulo do sr. Porto, espõe a Benção da Rede, e mais dois quadros.

O assumpto do primeiro presta-se muito; mas o pincel inexperiente do sr. Vaz não soube tirar o partido desejado. Em o nosso parecer humilde se o auctor d'este quadro tivesse a boa idéa de engrandecer a scena principal, aproximando-a mais do primeiro plano, expressaria melhor o seu pensamento, ainda que desse menos importancia ao fundo.

Terminaremos por dizer que é uma bonita tentativa, a que o sr. Vaz acaba de expôr e faremos votos sinceros para que o novel artista progrida a passos largos.

Estes dous discipulos do sr. Porto, merecem mais carinhos que o sr. Christino da Silva, discipulo da academia de Lisboa com os seus quadros Sobreiros e carvalheiros, Caminho da Fonte, Um açude, todos copiados do natural.

Estão soffrivelmente desenhados mas ha uma timidez de execução muito escolar. O seu colorido é muito contestavel; por exemplo: os troncos d'aquelles sobreiros despidos do seu involuco de cortiça, achamol-os avermelhados de mais e a folhagem das suas arvores é de uma pallidez anemica.—Faça uma revolução, sr. Christino da Silva.—Não tenha amor ás tintas e anime os seus estudos.

Afaste da sua palheta essa natureza doentia e verá que um dia nos ha de agradecer o conselho.

O sr. Costa, colleccionador, expõe duas varinas de Riquemont e uma paisagem, estudo. Estas *pochades* não dão sequer uma idéa remota do que vale um dos maiores artistas que teem pisado o solo luzitano.

O sr. Santos, discipulo do professor sr. Correia, expõe uma Cabeça de estudo, producto do seu pincel. Como colleccionador, um Esboço de Roquemont, e a Rua Nova da Batalha, do sr. Pouzão.

Este ultimo já foi devidamente apreciado pela academia Portuense de Bellas-Artes. Agora guardemo-nos para quando o artista voltar do estrangeiro.

O sr. Lopes Guimarães, colleccionador, expõe dois quadros de animaes do sr. Anunciação e uma marinha do sr. Thomazini, ambos artistas da capital.

Estes quadros já não são de recente data, por isso, não devemos de ser rigorosos a ponto de não admittir que Brascassat e outros da mesma tempera artistica, não attrahissem numerosos adeptos, mesmo em Lisboa.

O sr. Murciano d'Azuaga, colleccionador, expoz uma pintura em marmore representando a Sacra Familia.

O catalogo emmudeceu diante d'esta raridade. E nós pensaremos com mais vagar, quando tivermos tempo, sobre o merecimento d'esta *marmorea* pintura.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, colleccionador, expõe um tryptico, representando a adoração dos Reis Magos, pintura em madeira da antiga escola Flamenga (1520 a 1530).

Não queremos vaguear n'um proceloso mar de conjecturas sobre a authenticidade attribuida a esta pintura.

O sr. Will Flower, tambem colleccionador, honrou a exposição com uma antiga vista da cidade do Porto. Offerece-se aos socios do centro esta occasião propicia para uma manifestação archeologica. Nós conhecemos alguns d'elles, que são fortes na materia.

O sr. Arthur Loureiro expõe um estudo do *Lago de Trasimene*, quadro pertencente ao sr. David Ramos.

Devem ser bonitos estes celebrados sitios da antiga Etruria.

Pelo menos o sr. Loureiro faz-nos antever o que julgamos. O auctor d'esta telasinha muito agradável, viu pelo mesmo binoculo de Fayen-Perrin, — guardadas as respectivas distancias.

O retrato do fallecido sr. Urbano Loureiro está parecido. O costume Napolitano, feito em companhia do sr. Porto, resente-se muito da maneira de pintar d'este artista. Apesar d'isso, gostamos, e esperamos bellas cousas do sr. Loureiro.

*Levantando milho*, costume de Santa Martha, quadro do sr. José de Brito. Provavelmente é modelo para um catavento de novo systema e sem duvida nenhuma inovação, do mesmo artista — vista a liberdade com que está feito.

Esperamos pelos tres que faltam, para determinar os quatro pontos cardeaes: sem a colleção completa não podemos orientar-nos da bondade e vantagens do inventor.

O retrato do reverendo abbade de Santa Martha, mesmo com a falta de luz que tem no seu colorido, é sem duvida o melhor retrato que vemos n'este certamen.

Gostamos d'esta sinceridade de copista alliada a certa finura de observação. A phisionomia agradável e bondosa do reverendissimo, aquelles grossos labios palradores, aquella polpa sanguinea e sadia que lhe percorre o rosto, estão a clamar alto e bom som contra os amarellados partidarios das Sociedades de Temperança, de todo o orbe catholico. Fanatismo que o bom reverendo nunca pode levar á paciencia!

Sinceramente felicitamos este bom trabalho do sr. Brito e tomaremos a liberdade de felicitar o retratado.

O artista expoz mais dous retratos que não merecem pelo seu valor artistico a mesma consideração.

Temos mais do mesmo auctor uma *Mordoma de Santa Martha*, costume idem.

Parece que a boa da mulher prometteu ir de joelhos e carregada de tintas em cumprimento de algum voto.

Coitada! estava muito afogueada e cançada a devota mordoma!

Tambem não era para menos — uma legoa de joelhos e ainda por cima aquelle peso! Santa Martha lhe valha! — O sr. Brito, escolheu o momento da chegada para retratar a corajosa peregrina. Não escolheu mal. — Parece que a Mordoma está mais contente por ter levado a cruz ao Calvario, sem grave perigo da sua robustez minhota.

Gostamos mais da mulher a fiar. Damos-lhe até a preferencia sobre todas as fiandeiras da exposição.

*Paisagem do Rio Prado*, decididamente não saimos tão cedo de Santa Martha. O que nos vale é a belleza do sitio, que se presta, a divagações icarianas, no meio d'essas lavadeiras, que devem ser bem guapas, examinadas de mais perto.

Atravessemos depressa esta *Cortinha*, e adeus freguezia de Santa Martha!

Trouxemos saudades d'estes sitios.

Agora travemos relações com o sr. Oliveira, ex-pensionario por conta do estado no estrangeiro. Apostamos que estava á nossa espera com os seus dezasete legionarios. É uma verdadeira cohorte!

*Carvalhos na primavera*, estudo de paisagem. Custou-nos a encontrar os taes carvalhos e a primavera do sr. Oliveira. Sem o numero de ordem do catalogo não teriamos esse *gosto*.

*Um Nabal* (Minho) Realismos... ideal do sr. Oliveira.

*Margem de um riacho affluente do Limá*. Que solidão! A sombra d'aquelle arvoredo scenographico não nos convida á *rêverie*. A lavadeira que anima estas tristas paragens deve exclamar como o poeta Venusino — *Orus! quando ego te aspiciam!*

*Mulher fiando* (costume de Vianna do Castello). Esta viannense está-se preparando para dançar o Vira, mesmo de fuço em punho. Tal é a sua paixão pela dança!

Não nos podemos entusiasmar por este esboço do sr. Oliveira. A posição aprumada da fiandeira é soffrivelmente academica e faz-nos acreditar que, ás vezes, o sr. ex-pensionario ainda se recorda com saudades do seu feliz tempo de *rapin*.

O retrato do sr. Antonio Soares dos Reis é o amphitrião da sua cohorte artistica e como tal devemo-lo respeitar.

Esta cabeça está habilmente pintada: tem um colorido brilhante mas um pouco convencional para um retrato. O sr. Soares dos Reis é mais pallido; tem aquella pallidez immutavel que os gregos cos-

tumavam dar ao seu Jupiter Olympico. A sua pintura não é demasiadamente solida, antes o fosse. A *sans façon* da blusa foi uma idéa feliz; o retrato seria uma incoherencia, se vestisse o seu modelo de outro modo.

Sendo os olhos o espelho da alma, é para sentir que o sr. Oliveira não preferisse a posição de frente para retratar o seu collega; assim poderíamos avaliar a similhaça e teríamos a aprazível occasião de nos extasiar mais uma vez diante do olhar scintillante de um artista.

O retrato do sr. L. Monteiro dá-nos uma idéa muito vaga da sua phisionomia. Este genero de esbocetos torna-se recommendavel quasi sempre pela espontaneidade e justeza do colorido, qualidades que este não possui.

O sr. Oliveira apresenta-nos o retrato do sr. J. V. G., pintura tão condemnavel que lhe aconselhamos desde já, em nome da arte e do bom gosto, que não torne a expôr outra tentativa similhante a esta.

O sr. Oliveira quando visitou o real Museo do Prado, impressionou-se profundamente ao ver as pinturas admiraveis de Velasques. Foi talvez ainda debaixo do peso enorme d'essa impressão que executou este retrato.

Velasques foi um grande artista. Foi um realista de finissimo tacto; mas os seus imitadores nada fizeram de bom, na louca cegueira em que estavam de querer macaquear um genio. O proprio Goya, apesar do seu grande talento, não agrada a todos os paladares.

Miguel Angelo dizia: «o meu estylo ha de produzir mestres ignorantes»—a opinião d'esta auctoridade na materia é incontestavel.

Como explica o sr. Oliveira a sua aversão inqualificavel pelas obras acabadas? Será a intima convicção de nunca poder chegar a executal-as? N'esta caso está irremediavelmente perdido. O sr. Oliveira talvez saiba, que atraz de mr. Manet e outros quejandos, escondem-se verdadeiras mediocridades. Fuja pois o sr. Oliveira quanto antes d'essa atmospheria nublosa e appareça-nos radiante de luz, nitidamente acentuado e palpitante de vida, para nos dar a agradável certeza de que não gastou o seu tempo inutilmente nos grandes centros da arte, que percorreu.

Gostamos muito mais do pequeno retrato da sr.<sup>a</sup> D. R. B. Está bem modelado, d'uma maneira interessante. Ha um amarellado que predomina na sua côr, que a prejudica. Esta agradável e propecta phisionomia, se tivesse mais vida nos olhos, havia de fazer séria concorrência aos demais trabalhos d'este artista.

O sr. Oliveira expõe mais nove pequenos estudos, feitos d'uma maneira demasiado preguiçosa. Segundo a nossa maneira de ver, parece que estes estudos não se apresentam com grande cheiro de santidade, a ponto de merecerem a veneração d'um amator. Para illucidar o artista no seu *atelier* estão optimos; mas com outro fim não se podem admitir.

Aconselhamos pois o sr. Oliveira que deixe aos seus admiradores a gloriosa tarefa de fazer a sua apothese, expondo os mil detalhes da sua *échafaudage* artistica.

Fazemos votos para que o sr. Oliveira tome em consideração e grave bem na sua memoria os nossos bons conselhos.

O sr. Guilherme Pimentel expõe quatro estudos do seu fallecido e intelligentissimo filho Godofredo Pimentel. Deante das apreciaveis tentativas d'este joven artista não podemos calar o nosso profundo sentimento pela sua prematura morte. Fomos avivar tristezas; e avivamol-as em nós mesmo pela muita *sympathia* e particular estima que dedicavamos ao bondoso mancebo.

O sr. Salazar, antigo discípulo do sr. J. A. Corrêa, expõe uma cabeça de estudo. Conhecemos esta tela de a termos visto, ha já uns poucos d'annos. N'esse tempo, gosava o sr. Salazar, como distincto estudante na Academia de Bellas Artes, d'uma certa *réputation d'église*

Saudemos pois a nova apparição de um dos heroes do passado.

O sr. Antonio Moreira Cabral expõe, como colleccionador, uma Senhora da Piedade, pintura em cobre, (auctor desconhecido) e um quadro de frutos, (escola hespanhola do seculo XVII).

Decididamente o *catalogo critico* ás vezes, é pouco communicativo.

Duas paisagens copiadas de Albert, (não conheciamos este pintor) pelo ex.<sup>mo</sup> visconde da Trindade, (José).

Um titular dar-se ao estudo do bello! *Rara avis in terris.*

Conheço muito poucos: (coincidencia notavel!) quasi todos viscondes!

Por isso mesmo que a tímida arte fidalga rariissimas vezes tem ultrapassado as limitadas fronteiras do viscondado, façamos nós uma visita amigavel e rapida ao seu solar.

O ex.<sup>mo</sup> visconde da Trindade acaba de nos revelar pelas suas copias que tem em sua casa dois pessimos originaes: e, se nos permite, dar-lhe-hemos o salutar conselho que deve occupar os seus momentos d'ocio copiando outras obras que melhor o guiem na arte que cultiva como amator.

A ex.<sup>ma</sup> D. Henriqueta Pauly expõe um retrato e uma merenda. Esta amadora representa entre nós o papel de Mademoiselle Jacquemart. Louvamos muito o seu retrato: a distincta amadora revela n'este seu trabalho certa pratica de pincel e muita habilidade.

O pães da sua «merenda» estão appetitosos: e é o que lhe vale contra a nossa colera *gargantuesca* por nos offerecer tres laranjas de má procedencia. Aproveitamos esta publica occasião para protestarmos contra a attentatoria frugalidade da merenda.

A ex.<sup>ma</sup> D. Leonor A. Gonsalves Pinto offerece-nos coisa mais solida: *Uma natureza morta* que merece toda a estima pela verdade e correccão de desenho com que está pintada.

Vemos com prazer o bello e amavel sexo embrenhado nas lides da arte. D'esta maneira dão um formal desmentido ao pretendido indifferentismo, *la bête noire* do Centro Artistico.

O anonymo A. S. offerece caridosamente a sua merenda, d'uma sobriedade demasiado Spartana...

Lá no fim do mundo, onde a terra acaba e o mar começa, encontramos o retrato de Napoleão, sentado n'um rochedo, feito *d'après nature en Sainte Helene*, no anno de 1816, pelo sr. Salles, artista bracarense. Este meio ostracismo a que o Centro o condemnou fez-nos verter uma torrente de lagrimas. *O primoroso retrato* remata gloriosamente uma colleccão de enternecedoras gravuras de procedencia britannica.

O moderno Promotheu nunca na sua vida julgou que, depois de morto, a sua imperial effigie fosse condemnada ainda uma vez a viver entre os seus implacaveis inimigos.

Esta é a parte, incontestavelmente, mais moralisadora da exposiçã. A historia não menciona que o vencedor de Marengo *à son tour* retratasse o sr. Salles. Lastimamos esta grave lacuna na já numerosa colleccão de retratos familiares que o Centro abriga no seu—*Salon*.

A pintura decorativa acha-se representada pelo sr. Soller, unico que nos dá uma idéa da secção, expondo dois bellos desenhos no estylo arabe. O artista teria lucrado mais se os tivesse enviado á exposiçã de Madrid.

A ex.<sup>ma</sup> D. Francisca d'Almeida Furtado apresenta-nos duas aguarellas muito notaveis e das que poucas vezes estamos affeitos a ver entre nós, e muito principalmente executadas por uma dama. Não teem a *verve* das aguarellas de Fortuny e Pradilla; approximam-se mais do sabio e minucioso *faire* de Desgoffe. Estão conscienciosamente acabadas e interpretadas com toda a fidelidade. A garrafa e o calix, as camelias vermelhas e a cortina, são de uma illusão completa. Gostamos immenso das maçãs e o seu aspecto desenvolveu-nos uma furiosa vontade de as comer: sem a triste realidade do catalogo critico, attentariamos desastradamente contra a existencia da mimosa pintura. Estes dois quadros são de uma força pouco commum e fazem a maior honra á sua intelligente auctora.

O sr. Cabral, colleccionador, expõe uma aguarella de W. Howell e uma rua de Paris, desenho de Gautier, o celebre manipulador de quadros *à la minute*, que em tempo teve a rara felicidade de causar serias apprehensões a certo publico basbaque das nossas plattas.

Em uma epocha já remota existia na Italia um pintor, *un enfant prodige*, que achando-se occupado um dia na execuçã de um quadro biblico, respondeu ao pae que o chamava com instancia para jantar, porque o *macaroni* já esfriava: *jà là vou em um instante; só me faltam os doze apóstolos*. Assim respondeu mestre Luca Gior-

dano, *il fa presto*, e nem por isso a sua prodigiosa facilidade salvou a arte da decadencia.

Temos a registrar um bom retrato em desenho do sr. Santos. É o melhor entre todas as variantes esfuminhadas com mais ou menos *sauce* d'esta parte do certamen.

Mencionaremos com prazer tres desenhos á penna, representando os quadros attribuidos á Escola de Grão-Vasco, existentes na sacristia da egreja de Santa Cruz de Coimbra, executados pelo sr. Augusto Gonçalves, professor de desenho na mesma cidade e pertencentes ao sr. Joaquim de Vasconcellos.

Porque razão o catalogo classificou estes preciosos desenhos na secção de archeologia ao lado da reproducção em gesso d'uma lamina tumular? Não concordamos com o catalogo *critico*.

A allegoria em honra de Fortuny, aguarella do sr. Vermell, evaporou-se! não a vimos. O catalogo falta á verdade mais uma vez. Não podemos comprehender estas escamoteações arbitrarías.

Na secção dos desenhos comprehendendo aguarella e pastel encontramos uma variada collecção de duzentos desenhos de grandes mestres, reproduzida pela photographia e pertencente ao sr. Joaquim de Vasconcellos.

(*Zeichnungen grosser Meister gesammelte aus den verschiedenen Museen Europa's und dargestellt zum Gebrauch, der Schulen von Ad. Braun & C.º Dornachi*).

Todo este allemão, e ainda muito mais que encontramos no certamen, está a rogar enternecidamente, em côro unisono, como uma verdadeira symphonia de Beethoven, ao seu illustre proprietario que o mande sem mais demora para o Instituto Industrial; os seus alumnos não perderiam nada em aprender a lingua de Goethe por estas estampas.

A arte de Daguerre e de Niessee, tambem conta n'este certamen variados representantes, mas prescindimos de fazer uma resenha circumstanciada dos monumentos e objectos d'arte que vimos reproduzidos pela photographia.

O sr. Luiz Vermell expõe uma *Eva sonhando o pômo vedado*, busto em marmore de Extremoz. A Sagrada Biblia não nos diz que a companheira de Adão sonhasse com o fructo prohibido, antes de o provar. N'este ponto confiamos nos conhecimentos religiosos do escultor. Mas o que é certo é que nos parece antever no leve sorriso que anima os pequenos labios da nossa primeira mãe, um protesto intimo contra a proxima colera de Deus. Se foi esta a intenção do artista, realisou-a perfeitamente, ainda que d'uma maneira demasiado archaica. O espirito essencialmente moderno que predomina na arte contemporanea, com rarissimas excepções pode admitir estas expressões antiquadas.

O sr. Vermell tambem tem a originalidade de archaisar o seu nome juntando-lhe o titulo de *El peregrino espanol*. Na verdade de Barcelona até Aveiro a distancia é grande e o sr. Vermell teve que andar e passar por muitas vicissitudes, sobretudo se optar pela antiga maneira de viajar do seu grande compatriota Ribera.

As quatro solidas argolas de ferro, que rodeiam o seu busto, foram providentemente allí collocadas, com o fim de evitar que mãos profanas o toquem. Estes cuidados paternaes merecem todo o louvor. Assim garantida, a sua *Eva sonhando*, pode ser içada até ao Paraizo celeste sem que ella se aperceba d'isso. Que os paternaes cuidados do artista e o marmore de Extremoz nos perdoem se os elevamos tão alto.

O sr. Soares dos Reis, escultor, mimoseou-nos d'esta vez com quatro trabalhos da sua lavra.

Este artista, em o nosso humilde entender, parece-nos que não foi ainda sériamente julgado e avaliado pela critica, a maior parte das vezes benevolente, que nas locaes de certos periodicos da nossa terra costuma de tempos a tempos apparecer. A proposito, seja-nos licito fazer uma leve reflexão indispensavel.

Nem sempre encontramos, ao ler esses elogios pomposos, feitos tanto a este artista como a outros, a imparcialidade necessaria para não se assimilarem ao reclame industrial.

Condennavel systema de proteger a arte!

A lisonja é tão nociva como o proprio indifferentismo. Se uma alimenta esperanças a futuros aleatorios, o outro pode matar logo na infancia verdadeiras inclinações.

Servir-mo-nos da imprensa para espalhar idéas erroneas ou fazer reputações brilhantes muito contestaveis, é abusar da sua alta missão civilisadora e muitas vezes da ignorancia publica.

Aproveitarmos o apparecimento de uma obra d'arte qualquer, para thema d'uma phraseologia occa e falsissima, é simplesmente deploravel.

Concordamos que se deva animar a arte e os seus cultores, mas sempre com a devida moderação e segundo o valor relativo: *Reddite quae sunt Caesaris, Caesari, et quae sunt Dei, Deo*.

Os talentos para serem devidamente apreciados são em geral de difficil maturação e ainda de mais difficil colheita. Folgaremos, para bem de todos, que para o futuro não tenhamos outra vez a protestar contra estas perniciosas benevolencias.

Desculpe-nos o leitor a digressão, intercalada entre a apresentação do sr. Soares dos Reis e a das suas obras.

O sr. Soares dos Reis teve a pessima ideia de collocar mal os seus trabalhos para serem rigorosamente examinados por um amator escrupuloso. Preferimos ao taboleiro em que estão dispostos, um cavalleto no meio da sala; d'este modo poderíamos facilmente fazer uma viagem circular á volta dos seus primores. A luz que recebem não é das melhores e pode causar um serio *trompe l'œil*.

Este artista escultor é proprietario de uma habilidade e facilidade de execução, acima do vulgar entre nós. A sua natural aptidão o tem afastado, pelo pequenissimo contacto que temos com os grandes centros da arte, do verdadeiro caminho do bom gosto.

O seu estylo elegante e gracioso pode perfeitamente agradar a certos amadores mais simplorios, e ha de ser preferido muitas vezes á grave simplicidade de Paulo Dubois, pelos entusiastas da escultura de *boudoir*. Isto não obsta a que o artista vá insensivelmente affeminando o seu estylo e o bom gosto n'esta terra.

Pollet e Pradier em França, abusaram demasiadamente da facilidade que tinham em tractar assumptos graciosos e contribuíam desgraçadamente a crear-se uma infinidade de escultores que levam a arte de Phidias a certas liberdades que só aos mais largos limites da pintura é permitido tolerar.

O sr. Soares dos Reis apresenta-nos um busto que intitula poeticamente, *Flôr agreste*. É um pequeno retrato de creança, nada mais. Esta cabeça bem desenhada, habilmente modelada e bem polida, não nos revela nenhum sentimento. É um simples estudo, sem significação alguma, a não ser a de uma simples exhibição de facilidade intelligente em trabalhar no marmore e de copista habil.

O artista n'este trabalho fez uma phrase agradável, mas não lhe pôde introduzir a ideia que pretendia.

O mesmo senhor expõe um busto — retrato do fallecido sr. Joaquim Pinto Leite.

Tivemos a honra de conhecer pessoalmente este cavalheiro e ainda está bem gravada na nossa memoria a sua physionomia intelligente e risonha. Por isso sobre a similhança do busto podemos dizer tambem alguma cousa. Não está parecido. Verdade seja dita que foi executado por uma photographia e talvez pessima; mas n'este caso o escultor fez mal em apresentar a sua obra. Esta ligeireza de conducta não se admite aos artistas que occupam o logar do sr. Reis por estes sitios. Uma leviandade similhante está a pedir pelo amor de Deus que lhe applicuem um severo castigo. Quem mais lucra com esta liberdade de exame é o artista e os seus proprios admiradores. O busto, como trabalho artistico, não satisfaz as nossas exigencias de amator.

Talvez que a transparencia do Carrara modifique mais a dureza e o *heurté* da sua modelação, *ficelle* muito conhecida e que não podemos approvar.

A estatua em gesso da filha do sr. Delfim Guedes, pelo mesmo artista, deveria ser o trabalho de maior folego que tivessemos a submeter á nossa analyse imparcial.

Principiamos confessando que não gostamos da posição da figura, não tem desenvoltura. Esta creança não está á sua vontade, foi posta ali de proposito; obrigaram a sua natural vivacidade a um movimento de convenção e affectado. Cruzaram-lhe as perninhas e obrigaram-n'a a olhar seriamente para as suas flores que tantas fadigas lhe custaram entre correrias alegres, expansivas e morticinias caçadas de borboletas. Disseram-lhe que era preciso estar quieta e ella, coitadinha, ali se quedou, mau grado seu!

Foi esta a occasião que o artista escolheu para fazer a sua es-

tatua; escolheu mal. A naturalidade de movimento é um requisito indispensavel. O desenho geral da figura é muito incerto e muito secco. O sr. Soares dos Reis costuma desenhar e modelar com mais sentimento.

O pictoresco abuso de pregas no vestido é de muito mau gosto, faz-nos lembrar a escultura milaneza *camelotte* que tem causado e hade causar sempre deliciosos extasis nos salões dos ricos *yankees* ou dos salchicheiros de Londres. A simplicidade é tão bella e insinuante!

O sr. Soares dos Reis deve meditar mais, quando modelar a sua argilla.

As vezes os seus trabalhos indicam-nos um positivismo inadmissivel, justamente quando o artista visa a elevar-nos a alma a regiões mais puras.

Este artista já deve conhecer rasoavelmente a sua grammatica para prescindir de recorrer constantemente ao dicionario.

O trabalho mais interessante na exposição d'este artista é sem duvida o busto do sr. Oliveira. D'esta vez o esculptor satisfaz-nos. Gostamos da fina modelação e do seu correcto desenho. O sr. Soares dos Reis tambem nos quiz mostrar n'este bom trabalho que se enthusiasinou em tempo por Carpeaux e ainda muito mais por Falgünière, quando se tracta da cor em esculptura. Abundamos a respeito do busto nas boas ideias do artista e sinceramente o felicitamos.

Conversemos agora com o sr. S. d'Almeida, esculptor lisbonense, e exponhamos as nossas ideias com relação aos seus sete medalhões reproduzidos em galvanoplastia. David d'Angers fez-se uma reputação n'este genero de esculptura, foi quasi uma revelação artistica.

O sr. S. d'Almeida parece animado de muito boas intenções, mas deve saber que tanto em arte como em moral as boas intenções pouco podem valer se as não executamos á risca.

Gostaríamos de ver nos seus retratos uma execução mais fina e cuidada.

Entre os sete medalhões, o que representa a vera effigie do sr. S. dos Reis é o que mais apreciamos. Este salta aos olhos pela verdade, pelo purissimo desenho e pela sua modelação fina e espirituosa. Na similhaça nem fallamos, é uma obra prima!

O sr. Teixeira, ourives, expõe um baixo relevo em prata, muito curioso, é um *Descimento da Cruz*. Este *Descimento* justifica o retrato de Napoleão em Santa Helena, assim como o retrato de Napoleão pode justificar perfeitamente o *Descimento*.

O jury artistico tambem se justifica admiravelmente mandando expôr as duas *maravilhas*.

Um busto do sr. Teixeira Lopes. Gostamos do busto e ficamos surprehendidos de encontrar no trabalho d'este artista uma maneira tão agradável e sincera.

Busto em gesso do professor da Academia sr. Fonseca, pelo sr. M. Guimarães. Procuramol-o e não o encontramos! Tracta-se de um trabalho devidamente catalogado e classificado. Porque rasão o excluíram do certamen? Altos mysterios do destino!

O sr. Monteiro, ourives, expoz um crucifixo de prata em cruz de madeira de pau preto, etc., etc. O catalogo *critico* não esqueceu até os engastes e raios do mesmo metal (prata fundida). Não pertence á secção. Este crucifixo fundido está pedindo ao amator consciencioso que o mude de domicilio, com a instancia e profunda convicção com que o Nosso Redemptor pediu ao seu Eterno Pae que perdoasse aos seus algozes, *porque elles não sabiam o que faziam!*

A exposição da Associação Commercial do Porto é variada em productos de esculptura decorativa (ornamentação).

As obras do sr. Z. J. Pinto merecem especial attenção; são verdadeiros *tours de force* de paciencia e nitidez. No celeste imperio haviam de se admirar da sua execução, se aos opiados filhos de Confucius fosse permitido vel-as.

Na secção architectonica da exposição só podemos notar os trabalhos do sr. Soller antigo discipulo de mr. Questel. A respeito d'este intelligentissimo artista temos a repetir, que a exposição de

Madrid devia ser preferida pelo sr. Soller para a exhibição dos seus bons trabalhos.

Os restantes projectos são tão hypotheticos que não merece a pena mencional-os. Estamos convencidos que hão-de causar uma certa satisfação interior aos respeitaveis progenitores dos ainda mais jovens architectos. Ha muito a esperar d'esta futura pleiade de Garniers, que naturalmente hão-de povoar este bello paiz de ainda mais bellos monumentos.

Não podemos deixar no silencio do indifferentismo as bonitas fayenças executadas pelas ex.<sup>mas</sup> D. F. Ramalho Ortigão e D. Bertha Ramalho Ortigão. São bonitas e domina-as uma certa originalidade muito agradável. O nosso parabem ás distinctas amadoras. O gosto pela pintura em fayença, que alias era para estimar que tomasse mais serio desenvolvimento, conta ainda bem poucos amadores entre nós.

Na região ceramica não encontramos especimens dos nossos patrioticos productos das Caldas da Rainha. Com certeza não é por haver falta, foi talvez por falta de lembrança. Em compensação, temos a *admirar* nove azulejos que o Centro Artistico põe á nossa disposição para meditarmos seriamente sobre a desenfadada barbaridade e espirito de destruição d'alguns cerebros doentios. Pobres azulejos! no vosso primitivo lugar serieis um bello fundo e *motivariéis* talvez uma deliciosa aguarella! Mas que importa, se o Centro Artistico possui nove azulejos!

A industria do vidro acha-se maravilhosamente representada por cinco exemplares. Quando organisaram esta secção, mui acertadamente presidiu o bello pensamento — *Panea sed bona*. Não podemos deixar no olvido a presença honrosa do veneravel morgado, dos primitivos copos de crystal, nascidos na Marinha grande. É para lamentar a falta do ultimo descendente de tão illustre varão, para avaliarmos se a raça ainda bem merece da patria.

Estando as industrias *tão bem representadas* n'este certamen por uma *sucessão ininterrompida*, principiando pelas viageiras malas e acabando por uma boa dose de catalogos de exposição, classificados na secção de litteratura d'arte nacional; sabendo o visitante erudito e amator que uma *lacuna n'essa serie, produzirá sempre um effeito deploravel para o estudo*; como se houve o catalogo para votar ao supremo desprezo uma nova industria, importante pelas delicias degustativas que nos proporciona? Queremos fallar da arte applicada á industria farinacea.

Pois os *elementos tradicionaes* dos *Caricatures* e *Zoological biscuits* não merecerão a *protectora egide da grande arte*? A quantidade de exemplares que a humanidade vae consumindo em proporções taes que não se esperava, testemunham que a perfeição dos mesmos está demonstrada e naturalmente iria muito mais adiante se lhe concedessem um cantinho no certamen.

Brillat-Savarin já lá vae, sem o que o catalogo estaria bem aviado!

## Epilogo

Não podemos deixar passar impunemente uma injustiça qualquer e mormente sendo em materia d'artes e applicada por uma sociedade que pretende apagar indifferentismos e nivelar conhecimentos em uma população intelligente e sensata.

O centro artistico recusou a entrada na sua exposição a quatro pinturas antigas de bastante merecimento, pretendendo que não podiam ter sido feitas senão por um pintor embriagado.

Não podemos comprehender que a embriaguez do pintor pudesse supplantar o seu talento aos *olhos competentissimos* do centro e protestamos altamente contra este attentado de lesa-arte.

Estes moralisadores *à petite morale* acabam de dar uma ideia aproximada do seu magro interior intellectual.

## RUMORES DOS PALCOS

O *Gran Galeoto* de D. José Echegaray, representado ultimamente no *Theatro Hespanhol*, de Madrid, obteve um exito brilhantissimo. O auctor foi chamado ao palco repetidas vezes, offereceram-lhe corôas, ramos, poesias. As senhoras acenavam com os lenços e os leques e os homens com os chapêos. Raras vezes se tem visto em Hespanha, a nação dos ardentes enthusiasmos peninsulares, uma ovação semelhante. Ao findar o espectáculo a multidão acompanhou a carruagem do auctor, agitando archotes e gritando:

Viva Echegaray! Viva o novo Calderon!

O *Gran Galeoto* vai entrar a ensaios no theatro do Gymnasio devendo representar-se na noute do beneficio do grande actor Antonio Pedro.

\*  
\* \*

Leoni foi muito festejado em a noite do seu beneficio, recebendo todas as demonstrações de apreço que o publico reserva aos seus escolhidos. Entre esses Leoni tem um logar á parte, conquistado pelo seu grande talento comico e pela graça natural que elle imprime nas suas creações. O espectáculo compoz-se da *reprise* das *Amazonas de Tormes*, em que Maria Joanna interpretou o papel que pertencia antigamente á actriz Rosa Damasceno, sendo muito applaudida, do 1.º acto dos *Drações* e da opereta em 1 acto de Offenbach, traduzida pelo beneficiado, *Noute em claro*.

\*  
\* \*

Ensaia-se na Trindade o *Sargento Frederico* para beneficio do actor Augusto, e a *Lucrecia* e *Chalet* para a festa artistica do tenor Portugal.

\*  
\* \*

O inimitavel prestidigitador Hermann está em Montevideu, onde dará duas sessões.

\*  
\* \*

Foi repentinamente despedido da companhia do *Theatro Lucinda*, dirigido por Furtado Coelho, o actor Eugenio de Magalhães, que passa por ser um dos primeiros galans brasileiros.

\*  
\* \*

Deve subir brevemente á scena em um dos nossos theatros a comedia em 3 actos, *A Corja*, extraída do romance d'este titulo de Camillo Castello Branco que tão acalorada discussão levantou no nosso mundo litterario. O *arreglo* é feito por dois escriptores muito conhecidos, com previa autorisação do autor.

\*  
\* \*

Realisou-se no theatro de D. Maria, conforme se annunciára, o beneficio da distincta actriz Maria Adelaide. O espectáculo compoz-se da *reprise* das comedias *Alliadas*, traducção de Rangel de Lima, *Nobreza, clero e povo*, original de Cezar de Lacerda, e de um original em 1 acto, do sr. Julio Rocha, *Nem amor, nem cochicho*, ácerca do qual o melhor que ha a dizer... é não dizer nada. Lamentamos que a sociedade artistica do theatro de D. Maria, aliás illustradissima, perca tempo a ensaiar comedias do genero d'aquella a que nos referimos. A beneficiada foi recebida ao entrar em scena com uma salva de palmas.

\*  
\* \*

Obteve um bello exito no Rio de Janeiro a *Princeza de Bagdad*, de Dumas filho. Lucinda Simões deu grande relevo ao papel de Lionette, desempenhado em Paris pela Croizette. Eis aqui como

a critica brasileira se exprime, referindo-se á eminente actriz: «A grande scena do 2.º acto, é de todo o papel da *Princeza de Bagdad* o que mais honra fez ao talento da actriz Lucinda. Bem justificado estava então o nome de Lionette; cabellos revoltos a enquadrar a cabeça como uma juba, physionomia leonina, um olhar fulvo a vibrar odios contra o marido, traduziam perfeitamente o pensamento do autor que creara aquella filha de um rei e de uma aventureira, filha de um desejo e de uma corrupção, como ella mesma diz. O publico que frequenta o *Theatro Lucinda* não é prodigo em palmas, principalmente em meio de uma scena; no entanto, uma explosão de palmas e bravos interrompeu a sr.<sup>a</sup> Lucinda quando estava a terminar a sua grande scena.»

\*  
\* \*

A Italia conta 1:229 theatros.

\*  
\* \*

O *Freischutz* de Weber fez fiasco na Scala de Milão.

\*  
\* \*

Deve subir hoje á scena no Gymnasio, em beneficio do actor Montedonio, um drama de grandes effeitos em 5 actos e 8 quadros, excellentemente traduzido pelo sr. Maximiliano de Azevedo. O novo drama ao qual está decerto preparado um grande exito tem por titulo *O mestre de obras*.

\*  
\* \*

Quarenta e nove operas francezas, de Saint-Saens, Gounod, Masse, Delibes, etc., esperam a sancção do publico parisiense. Diz um jornal italiano, que temos á vista, que calculando o tempo que se consome primeiro que se cante em Paris uma opera nova, é negocio para meio seculo.

\*  
\* \*

Parece que a *Nana* de Zola vae ser metamorphoseada em opera comica. Era o que lhe faltava! É pena que Offenbach já não exista...

\*  
\* \*

Na primeira noute, depois do assassinato do czar, que subiu á scena em S. Petersburgo a *Virgem de Orleans*, do maestro russo Tschaikowski, obteve um successo doido.

\*  
\* \*

Uma familia de Pest, na Hungria, possui um instrumento historico. Nada menos do que o violino de Luiz XIV, fabricado pelo celebre Amadi. O stradivarius tem gravadas as armas e a divisa do rei-sol.

\*  
\* \*

No Odéon de Paris subiu á scena o novo drama de Francisco Copée, um poeta delicadissimo. O drama intitula-se *Madame de Maintenon*, e foi muito applaudido.

\*  
\* \*

Os jornaes de Italia referem-se ao successo que obteve o *Amlet* em S. Carlos, citando os nomes das *primas donnas* Vitali e Pantaleoni e o de Pandolfini.

\*  
\* \*

Foi festejadissima a centessima representação do *Divorçons*, de Sardou, no Palais Royal.

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

### PREÇOS

(Cada numero..... 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura  
Lisboa | Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 2\$000 réis  
meros ..... 500 " | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-  
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, | xeira e Moraes Calabre—95, Rua dos  
Rua dos Fanqueiros, 87. | Ourives, 95.

## CONSERVARIA OCCIDENTAL DE ANTONIO JOAQUIM PIRES

Premiado nas Exposições de Philadelphia, 1876 :  
Porto, 1877 (primeiro premio), e Paris, 1878 (medalhas de prata e bronze)

Especialidade em fructas seccas, crystalisadas e bonbons fondants.  
Licores. Digestivo, S. Bento e Imperial

FORNECIMENTOS PARA LUNCHS E SOIREEs  
133, 135 — RUA DE S. BENTO — LISBOA

## A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço  
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos  
historicos, objectos artisticos  
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR                      ESCRITORIO                      DIRECTOR  
Christovão N. Rodrigues    145, Rua do Norte, 1.º    N. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 1\$800    Brazil Semestre..... 6\$000  
Anno ..... 3\$600    Anno ..... 12\$000

## P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

## LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer  
da Italia.

## MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

## PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que ex-  
põe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de me-  
lhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristo-  
cratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE  
NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatisadas.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

103 RUA AUREA 103

OURIVESARIA

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata pro-  
prios para BRINDES

103—RUA AUREA

## EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto  
muitas gravuras perfeittissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$330    Semestre..... 4\$560    Anno..... 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S.  
Bento n.º 128.

## ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECCÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas

PREÇO 240 RÉIS

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 20.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA